



A ESPIRITUALIDADE DA COMUNHÃO NO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

(The spirituality of communion in the Focolare Movement)

Ivanaldo Oliveira Santos

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br

José Pereira Silva Neto

Graduado em Teologia pela Faculdade Dom Helder (FDH)

Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/PE)

E-mail: jpneto36@hotmail.com

RESUMO

O objeto deste estudo é apresentar e investigar a espiritualidade da comunhão em um dos mais importantes movimentos da Igreja no final do século XX e início do XXI, ou seja, o Movimento dos Focolares. É uma espiritualidade que procura reestabelecer a comunhão e a unidade entre o ser humano e Deus e entre os diversos segmentos que compõem a Igreja e a sociedade. Por fim, afirma-se que atualmente vê-se um grande número de conflitos que vão desde o terrorismo, passando por conflitos étnicos e religiosos, até chegar a guerras e disputas econômicas. Dentro desse preocupante contexto, a espiritualidade da comunhão, do Movimento dos Focolares, é uma resposta concreta que é possível à construção da unidade e que o ser humano possui diferenças apenas superficiais, pois, no mais profundo do ser, ele forma a comunhão chamada de humanidade.

Palavras-chave: Espiritualidade; Comunhão; Focolares.

ABSTRACT

The aim of this study is to present and investigate the spirituality of communion in one of the most important movements of the Church in the late twentieth and early twenty-first century, namely the Focolare Movement. It is a spirituality that seeks to reestablish communion and unity between the human being and God and between the various segments that make up the Church and society. Finally, it is stated that in the present a great number of conflicts that go from the terrorism is seen, such as ethnic and religious conflicts, until arriving at wars and economic disputes. Within this worrying context, the spirituality of communion, of the Focolare Movement, is a concrete response that is possible to the construction of unity and that the human being has superficial differences only, since in the deepest being, a communion called *humanity* is formed.

Keywords: Spirituality; Communion; Focolare.



INTRODUÇÃO

Durante o terror e os horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) um grupo de jovens, liderado por Chiara Lubich, começou uma pequena experiência da partilha da Palavra de Deus, de vivência do Evangelho e da fraternidade. Eram jovens que, assim como os primeiros cristãos, “estavam juntos, e tinham tudo em comum”¹. Dentro do perigoso e calamitoso ambiente social da Segunda Guerra Mundial, essa experiência da partilha da Palavra de Deus e da vida fraterna, conduziu esses jovens a decidirem pela “profissão de servir”² ao próximo, servir a pessoa abandonada, a qual é vítima das mais diversas formas de negação da dignidade da pessoa humana. Com isso, desejavam ajudar a “obra de Cristo”³ e, ao mesmo tempo, diante dos horrores da guerra, “servir de testemunho a seu tempo”⁴.

Essa experiência conduziu ao nascimento e desenvolvimento do Movimento dos Focolares⁵, fundado e liderado por Chiara Lubich⁶. Trata-se de um dos principais movimentos socioculturais e religiosos do século XX, um movimento nascido no meio dos horrores da Segunda Guerra Mundial, entre as bombas e os campos de concentração⁷, o qual tem por carisma a espiritualidade da comunhão e da unidade. Esse carisma é sintetizado no pedido de Jesus Cristo: “Pai que todos sejam um”⁸.

Em grande medida, na segunda metade do século XX e nas primeiras décadas do XXI, os Focolares procuraram vivenciar o pedido formulado pelo *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, o qual clama pela “consciência da unidade da família humana”⁹. Uma *unidade* que deve levar em consideração a totalidade do ser humano, formado por “corpo e alma, coração e consciência, pensamento e vontade”¹⁰.

Com isso, esse movimento leigo-ecclesial ajudou a redefinir as *armas ideológicas da morte*¹¹ que foram predominantes no século XX (regimes totalitários, guerras, fome, etc) e, ao mesmo

¹ Atos 2, 44.

² I Timóteo 2, 10.

³ Filipenses 2, 30.

⁴ I Timóteo 2, 6.

⁵ Sobre a história, o método de trabalho pastoral, a presença no mundo e os desafios sócio-religiosos do Movimento dos Focolares, recomenda-se consultar: LUBICH, C. Deus-beleza e o Movimento dos Focolares. In: *Revista ABBA*, v. 2, 1999, p. 07-20. LUBICH, C. O Movimento dos Focolares em seus aspectos político e social. In: *Revista ABBA*, v. III, n. 1, 2000.

⁶ Com relação à figura histórica, o carisma, a mística e as ideias de Chiara Lubich, recomenda-se consultar: VANDELEENE, M. (Org.). *Chiara Lubich. Ideal e Luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido*. São Paulo: Brasiliense, Cidade Nova, 2003. GALLAGHER, J. *Chiara Lubich: uma mulher e sua obra*. São Paulo: Cidade Nova, 1998. ZAMBONINI, F. *Chiara Lubich: a aventura da unidade*. São Paulo: Cidade Nova, 1991. TORNO, A. *Levar a Ti o mundo em meus braços: vida de Chiara Lubich*. São Paulo: Cidade Nova, 2011.

⁷ VERONESI, S. *E a vida renasce entre as bombas*. São Paulo: Cidade Nova, 1978.

⁸ João 17, 23.

⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 22.

¹⁰ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. op., cit, p. 30.

¹¹ HINKELAMMERT, F. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Paulinas, 1983.



tempo, contribuiu para repensar o futuro da Igreja¹² – enquanto comunidade dos “filhos do Deus vivo”¹³ – na sociedade contemporânea¹⁴.

O Movimento dos Focolares está presente nos cinco continentes e em 182 países. Ele presta uma grande variedade de serviços à Igreja e à sociedade. Entre esses serviços, citam-se: assistência aos jovens e aos idosos, promoção da arte e da cultura, inserção no mundo do trabalho e da política, e forte presença no campo do diálogo ecumênico e inter-religioso. Todos esses serviços são fundamentados pela espiritualidade da comunhão.

O objeto deste estudo é apresentar e investigar a espiritualidade da comunhão no Movimento dos Focolares. Ressalta-se que a chamada *espiritualidade da comunhão* está presente, por diversos meios, nos movimentos e segmentos da Igreja. Em grande medida, a Igreja, principalmente após o Concílio Vaticano II – que impulsionou o “diálogo e colaboração com os sequazes doutras religiões, dando testemunho da vida e fé cristãs”¹⁵ –, é um movimento que, dentre suas missões, trabalha para que os diversos segmentos sociais que compõem a humanidade possam “chegar à unidade”¹⁶. Por *comunhão* deve entender um “novo modelo de unidade do gênero humano, no qual, em última instância, a solidariedade se deve inspirar. Este supremo modelo de unidade, reflexo da vida íntima de Deus, uno em três Pessoas, é o que nós cristãos designamos com a palavra *comunhão*”¹⁷.

No entanto, no pós-Segunda Guerra Mundial e principalmente após a realização do Concílio Vaticano II – o qual teve por missão “conclamar os nossos filhos para dar à Igreja a possibilidade de contribuir mais eficazmente na solução dos problemas da idade moderna”¹⁸ –, concluído em 1965, o Movimento dos Focolares foi um dos principais protagonistas, na Igreja e na sociedade, na busca e na vivência da espiritualidade da comunhão.

O método que orientou o presente estudo e, com isso, possibilitou que o objetivo fosse plenamente alcançado, é o *método da pesquisa bibliográfica*. Para o presente estudo, utiliza-se o conceito de *método da pesquisa bibliográfica*:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. [...]. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.¹⁹

¹² BRIGHENTI, A. *A Igreja do futuro e o futuro da Igreja: perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio*. São Paulo: Paulus, 2001.

¹³ Romanos 9, 26.

¹⁴ LIBÂNIO, J. B. *Igreja contemporânea. Encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000.

¹⁵ PAPA PAULO VI. *Declaração Nostra Aetate*. Sobre a Igreja e as Religiões Não-Cristãs, n. 2. In: KLOPPENBURG, F. B. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

¹⁶ Efésios 4, 13.

¹⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. op., cit, p. 35.

¹⁸ PAPA JOÃO XVIII. *Humanae Salutis*, n. 6. Convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II. Cidade do Vaticano, 25 de Dezembro de 1961.

¹⁹ FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002, p. 32.



A pesquisa bibliográfica consiste num “trabalho investigativo minucioso em busca do conhecimento e base fundamental para o todo de uma pesquisa”²⁰. Trata-se, pois, do método de “pesquisa propriamente dita na área das Ciências Humanas”²¹, uma “análise as diversas posições acerca de um problema”²². Por essas razões o método da pesquisa bibliográfica é o mais adequado para se alcançar o objetivo descrito no presente estudo.

Para alcançar o objetivo, o estudo foi dividido em quatro partes, sendo elas: A vida renasce entre as bombas; O testamento de Jesus: “Pai que todos sejam um”; Os pilares da espiritualidade de comunhão; A espiritualidade focolarina responde ao individualismo. Por fim, afirma-se que atualmente vê-se um grande número de conflitos que vão desde o terrorismo, passando por conflitos étnicos e religiosos, até chegar a guerras e disputas econômicas. Dentro desse preocupante contexto, a espiritualidade da comunhão do Movimento dos Focolares, é uma resposta concreta de que é possível a construção da unidade e que o ser humano possui diferenças apenas superficiais, pois, no mais profundo do ser, ele forma a comunhão, a unidade chamada de humanidade.

1. A VIDA RENASCE ENTRE AS BOMBAS

No decorrer da história da Igreja, Deus, por meio do Espírito Santo, sempre enviou certos *carismas*. Esse envio é uma resposta de Deus aos anseios da humanidade, o qual afirma ter “ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores”²³. Além disso, os carismas, dentre outras, têm por missão encaminhar o ser humano a resolver os graves problemas de cada época histórica. Por isso, eles geralmente são apontados como “sinais dos tempos”²⁴.

É interessante notar como “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”²⁵ e prefere os “corações dos simples”²⁶. Por isso, Deus revela os seus dons aos corações de homens e mulheres simples, pobres e frágeis, como seus instrumentos, para que resplandeça a sua Bondade. Dentre esses, ele escolheu uma jovenzinha e um pequeno grupo de moças e, um pouco mais adiante, alguns rapazes. A jovem era Chiara Lubich, de uma cidade no interior da Itália, chamada Trento, que em 1938, aos 17 anos, sentia o desejo de conhecer a Deus. Ela sentia e partilhava com as amigas na universidade o desejo de servir a Deus.

No ano de 1943 a Segunda Guerra Mundial está no seu auge. A destruição e a loucura da guerra assolavam a Europa e nem mesmo a histórica cidade de Trento foi poupada. Trento estava em ruínas e a morte se espalhava pela cidade. Neste momento, Chiara Lubich estava reunida com algumas companheiras de fé, num subterrâneo escuro de Trento, era o primeiro e pequeno núcleo do Movimento dos Focolares. Neste instante, à luz de uma vela, ela abriu o

²⁰ PIZZANI, L. [et al]. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. In: *RDBC*, Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 10, n. 1, jul./dez., 2012, p. 54.

²¹ CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. São Paulo: Makron Books, 1996, p. 48.

²² GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Edufrgs, 2009, p. 37.

²³ Êxodo 3, 7.

²⁴ Mateus 16, 3.

²⁵ Tiago 4, 6.

²⁶ Romanos 16, 18.



Evangelho e caiu na página da oração pronunciada por Jesus Cristo antes de sua morte: “Pai, que todos sejam um”²⁷. Era um texto difícil para o nível de instrução daquelas moças, mas aquelas palavras pareciam iluminá-las, uma por uma, e incutiam em seus corações a convicção de que tinham nascido para vivenciar o profundo conteúdo espiritual da oração de Cristo.

No dia 21 de novembro de 1943, na Festa de Cristo Rei, essas jovens se colocaram ao redor de um altar e disseram a Jesus Cristo: “Você sabe de que forma será possível realizar a unidade. Eis-nos aqui. Se você quiser, use para isso nossas vidas”²⁸. A liturgia do dia fascinava aquelas moças: “pede-me e te darei as nações como herança e em domínio os confins da terra”²⁹. Pediam, pois sabiam que Deus concederia todos os pedidos feitos por meio da “oração e súplica, com ação de graças”³⁰.

Os bombardeios da guerra continuavam e, com isso, espalhava-se a destruição. Aquele grupo de moças presenciou a morte de amigos e parentes, a destruição de casas, escolas e Igrejas. Uma delas amava a sua casa: foi destruída. Outra se preparava para o casamento: o noivo não retornou mais da frente de batalha. O ideal de Chiara Lubich era o estudo: a guerra impedia que frequentasse a universidade. Cada acontecimento marcava profundamente o pequeno grupo de moças. No entanto, na perspectiva de Chiara Lubich, com esses trágicos acontecimentos, Deus mostrava que “tudo é vaidade”³¹ e, por isso, tudo passa.

Ao mesmo tempo, Deus fazia brotar no coração de Chiara, que logo era expressão de todo o grupo, uma pergunta, da qual rapidamente se tinha uma resposta: “Mas existirá um ideal que não morre, que nenhuma bomba pode destruir, ao qual possamos dedicar todo o nosso ser? Sim, existe. É Deus”³².

Por isso, decidiram fazer de Deus o ideal de suas vidas. Justamente Deus, que em meio à guerra, um conflito fruto do ódio, se manifesta a elas como “aquele que é”³³, um Deus que é amor³⁴. Com isso, encontraram o ideal para o qual iriam viver a partir daquele momento: o Deus-Amor. Logo veio o questionamento de como colocar em prática o Deus-Amor. O Evangelho respondeu: “Não todo o que diz: ‘Senhor, Senhor’; entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus”³⁵. Com isso, compreenderam que a vivência do Evangelho não significa repetir, de forma mecânica, rituais religiosos ou cair num vago sentimentalismo religioso. A principal exigência do Evangelho é fazer a vontade de Deus.

Em 1943, em Trento, a cada alarme de ataque aéreo, as pessoas, incluindo o pequeno grupo liderado por Chiara Lubich, corriam depressa para os abrigos antiaéreos. O pequeno grupo de Chiara, que desejava viver a experiência da comunhão e da unidade, não levava nada consigo, senão o Evangelho. Nele podiam encontrar aquilo que Jesus Cristo desejava para o grupo e

²⁷ João 17,21.

²⁸ ZANZUCCHI, M. *Um povo nascido do Evangelho: Chiara e os focolares*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 61-62.

²⁹ Salmo 2, 8.

³⁰ Filipenses 4, 6.

³¹ Eclesiastes 1, 2.

³² FONDI, E.; ZANZUCCHI, M. *Um povo nascido do Evangelho: Chiara e os focolares*. op., cit, p. 18.

³³ Êxodo 3, 14.

³⁴ I João 4, 8.

³⁵ Mateus 7, 21.



para a humanidade. Em um desses momentos, abriram numa página que muitas vezes fora lida, mas que, apenas naquele momento, era iluminada e impulsionada a viver de forma mais radical, com a força do Espírito Santo: “Ama o teu irmão como a ti mesmo”³⁶.

Dentro das discussões formuladas pelo grupo liderado por Chiara Lubich, veio à pergunta: quem era o próximo? Era aquela velhinha, que a muito custo, se arrastava para chegar ao abrigo antiaéreo, e que precisava de ajuda para atravessar a rua? Eram cinco crianças apavoradas, junto à mãe? Pegavam as crianças no colo e ajudava a mãe a levá-las de volta para casa? O próximo eram os doentes que não podiam se proteger dos bombardeios, necessitados de cuidados? Era preciso visitá-los, levando-lhes remédios.

No Evangelho, leram ainda: “Tudo que fizerdes ao menor dos meus irmãos, a mim o fizestes”³⁷. As pessoas que as rodeavam, pelas terríveis circunstâncias da guerra, tinham fome e sede, estavam feridas, sem roupas, sem casa. O pequeno grupo liderado por Chiara Lubich procurava viver, de forma concreta, o Evangelho. Por isso, cozinhavam em panelões, sopa para distribuírem às diversas vítimas da guerra. Jesus havia prometido e cumpria a sua palavra: “Pedi e recebereis”³⁸. O Evangelho era verdadeiro, digno de ser experimentado. Fazia com que elas perseverassem no caminho que acabara de descobrir.

Dessa experiência de Deus é que nasce o Movimento dos Focolares, muito embora já havia sido intuído por Chiara na sua visita a Loreto em 1939, e efetivado em 07 de dezembro de 1943, aos 23 anos, quando ela fez um ato de total doação a Deus, consagrando-se a Ele para sempre, sendo assistida somente pelo frei capuchinho Casimiro Bonetti. Confessa Chiara: “A alegria interior era inexplicável, secreta, mas contagiosa”³⁹. Daí juntou-se outras companheiras a Chiara, quando diante da experiência do Evangelho, que aquecia a esperança da vida daquelas que encontraram em Deus a resposta para as suas vidas. O fogo que esquentava é Cristo, a casa é o coração. Fazendo com que se “cumpram as escrituras”⁴⁰, mesmo nos terríveis tempos da Segunda Guerra Mundial.

Observa-se que palavra *Focolare*, de origem italiana, significa, *lareira, fogo no lar, espaço aquecido onde a família se reúne*, aquecendo-se não somente do fogo material, mas do mútuo amor e comunhão. Com isso, o Focolare se propõe ser um movimento que promove a unidade, a comunhão e o amor mútuo, um amor que se manifesta tanto por meio das *obras de misericórdia*⁴¹ como também por meio da convivência fraterna entre diferentes grupos de cristãos, de outros credos religiosos e até mesmo pessoas sem uma religião definida.

³⁶ Mateus 19,19.

³⁷ Mateus 25, 40.

³⁸ Mateus 7, 7; Lucas 11, 9.

³⁹ FONDI, E.; ZANZUCCHI, M. *Um povo nascido do Evangelho*: Chiara e os focolares. op., cit, p. 54.

⁴⁰ Mateus 26, 56.

⁴¹ Com relação às *obras de misericórdia*, o Papa Francisco, na Bula *Misericordiae Vultus*, que proclamou o jubileu extraordinário da misericórdia, celebrado no período de 8 de dezembro de 2015 a 20 de novembro de 2016, esclarece que a *misericórdia* é o “caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”(n. 2) e, por isso, trata-se do “coração pulsante do Evangelho” (n. 23). Nesse sentido, as *obras de misericórdia* são o “sinal da solicitude materna da Igreja pelo povo de Deus” (n. 36). Do ponto de vista didático, elas são divididas em dois níveis: a) Obras de misericórdia corporal: “dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos” (n. 30); b) Obras de misericórdia espiritual: “aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar



A experiência de Chiara Lubich e suas companheiras é um testemunho que a vida pode renascer entre as bombas. O ideal vivido por elas tinha uma meta a ser alcançada: Deus-Amor. Sobre essa questão, Chiara Lubich fez a seguinte declaração para as suas companheiras: “[...] cada uma de nós tem somente uma vida e, por isso, não podemos desperdiçá-la como se tivéssemos muitas. Era preciso viver por algo que valesse a pena. E elas descobriram que o único ideal que não passa e pelo qual vale a pena dar a vida é Deus”⁴². O Ideal era Deus-Amor e, por isso, Ele as bastava.

Deus, somente Ele, poderia dar sentido a suas vidas em meio à brutalidade da Segunda Guerra Mundial. O desejo da permanência de Jesus Cristo que fora cumprido nas jovens italianas de Trento, apresenta um Jesus que trás a vida e “vida em abundância”⁴³, e que em meio as trevas do desespero, se apresenta como o Deus-Amor que nada e nem ninguém pode destruir.

A experiência mística do grupo de jovens de Trento foi se espalhando pela Itália e por outras regiões do planeta e, com isso, a espiritualidade da unidade foi traduzida como sinônimo de *Espiritualidade de Comunhão*. Sobre a importância da Espiritualidade de Comunhão o Papa João Paulo II, na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, afirma tratar-se de uma experiência para elevar “ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades”⁴⁴ e que, por isso, a “espiritualidade da comunhão confere uma alma ao dado institucional, ao aconselhar confiança e abertura que corresponde plenamente à dignidade e responsabilidade de cada membro do povo de Deus”⁴⁵.

2. O TESTAMENTO DE JESUS: “PAI QUE TODOS SEJAM UM”⁴⁶

O Movimento dos Focolares nasceu para cumprir o mandamento de Jesus: “Pai que todos sejam um”⁴⁷. Essa oração de Jesus Cristo foi descoberta, à luz de uma vela, pelo grupo de jovens que fundaram o movimento, na cave escura de um abrigo antiaéreo em meio a Segunda Guerra Mundial, como um novo Cenáculo⁴⁸, levado ao limite do divino, ao manancial da vida da humanidade. Aquelas jovens descobriram que nasceram para aquela página do Evangelho. Dessa forma, contribuiriam para a unidade dos homens com Deus e entre eles. Esta nova espiritualidade nasce de uma encarnação de um Jesus Cristo padecente de unidade, que sofre ao ver que, dentro da sociedade e da Igreja, reina a desunião e a falta de fraternidade. O desejo de Jesus, impresso nos escritos de São João, fez valer a mais nova espiritualidade do século XX, ou seja, a Espiritualidade da Unidade.

as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos” (n. 30). PAPA FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. Cidade do Vaticano, 11 de abril de 2015.

⁴² VERONESI, S. *E a vida renasce entre as bombas*. op., cit, p. 15.

⁴³ João 10, 10.

⁴⁴ PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*, n. 43. Por ocasião do Termino do Grande Jubileu do Ano 2000. Cidade do Vaticano, 06 de janeiro de 2001.

⁴⁵ *Ibidem*. op., cit, n. 45.

⁴⁶ João 17, 21.

⁴⁷ João 17, 21.

⁴⁸ Cf. Atos 1, 13; 20, 8.



A paridade que deve ser feita a esta nova espiritualidade nasce do ser Trinitário, de Deus-Pai que no amor gera o Deus-Filho e envia o Espírito Santo. É o amor que gera a comunhão entre Eles, e entre Eles e a humanidade. A marca divina de ser Trindade é lei para unidade e reciprocidade, exprimindo a ser uma só coisa da mesma forma que o Pai e o Filho estão profundamente unidos⁴⁹.

Embora esta espiritualidade trinitária seja radicada na Escritura, intuído por alguns Padres da Igreja, colhida em alguns aspectos pelos teólogos e pelo Magistério, vivido pelos santos e pelos místicos, é, na formulação de sabedoria-vida-ação de Chiara, totalmente nova, e, portanto, original, com a força envolvente de uma palavra vértice do divino e do humano, como aspiração do coração do homem a ser um com Deus e com todos, a superar as distâncias e as separações⁵⁰.

A unidade é capaz de ser chave para uma compreensão mais profunda de outras palavras espirituais fecundas. Ela é caminho de espiritualidade e, ao mesmo tempo, ponto de término e de largada de uma leitura contemporânea do Evangelho. Também é possível se afirmar que a experiência do grupo de jovens que inauguraram o Movimento dos Focolares é uma reatualização da aventura que, em Pentecostes⁵¹, por meio de “orações e súplicas”⁵², fez com que o pequeno grupo de apóstolos deixasse de ser um grupo com medo de serem perseguidos pelos detratores de Jesus Cristo e, com isso, passassem a ser *mensageiros que multiplicam a paz*⁵³. Com isso, é como se as palavras do Evangelho convergissem na oração sacerdotal de Jesus que é a mais alta e definitiva da salvação: ser um com Deus e em Deus, como Cristo é um com o Pai e com o Espírito.

Ser uno para o Movimento dos Focolares é ser Jesus, é ver em cada indivíduo a pessoa de Jesus Cristo. “De fato, somente a pessoa de Cristo pode fazer de duas pessoas uma coisa só, porque o seu amor, que é anulação de si, que é não egoísmo, faz-nos entrar profundamente no coração dos outros”⁵⁴.

A unidade é inefável como Deus! Sente-se, vê-se, experimenta-se, mas é inefável. Todos se alegram com a sua presença, todos sofrem a sua ausência. É paz, alegria, clima de vitória, de extrema generosidade. É Jesus em meio⁵⁵.

As jovens de Trento descobriram que o encontro com Deus, que era o ideal de suas vidas, dava-se por meio da unidade entre Deus e elas, e entre elas e os demais seres humanos. Nesta descoberta, houve uma antecipação do conceito de Igreja-comunhão que fora dado na vivência da Espiritualidade da Unidade, quando se fazia experimentar e compreender o significado de ser Igreja e vivê-la com maior consciência. Dentro da mística da Igreja, essa unidade-comunhão se realiza sempre na presença de Jesus. Como afirma o Evangelho: “Onde dois ou três estão reunidos”⁵⁶, Cristo e, por conseguinte, a Igreja estarão presentes. A paixão pela Igreja nasce da presença de Jesus. Quando se ama, tudo toma novas formas e ganha vida.

⁴⁹ Cf. João 17, 21-23.

⁵⁰ Cf. LUBICH, C. *Ideal e Luz*: pensamento, espiritualidade, mundo unido. op., cit, p. 29.

⁵¹ Atos 2, 1-18.

⁵² Atos 1, 14.

⁵³ Cf. I Pedro 1, 2.

⁵⁴ FONDI, E.; ZANZUCCHI, M. *Um povo nascido do Evangelho*: Chiara e os focolares. op., cit, p. 26.

⁵⁵ Cf. Mateus 18, 20.

⁵⁶ Cf. Mateus 18, 20.



Mesmo nas dificuldades, seja durante a guerra, seja no pós-guerra, o ser Igreja, com a virtude da comunhão de amor que une o ideal de Chiara Lubich na sua realidade institucional-eclesial, conduz ao grupo fundante dos Focolares e posteriormente as milhares de pessoas que, ao redor do mundo, carregadas do “amor fraternal”⁵⁷, aderiram ao movimento para uma experiência do Deus-Amor e, por conseguinte, da unidade entre os membros da Igreja, entre os cristãos, sejam católicos ou de outras denominações religiosas, entre os cristãos e os membros de outras religiões, entre as pessoas religiosas e os indivíduos sem uma fé confessional e, por último, entre os diversos grupos que compõem a humanidade. Essa dinâmica experiência da unidade, da vivência do amor que é a Espiritualidade da Unidade, fundamentado no testamento de Jesus Cristo, em seu desejo, que é apresentado ao século XX e XXI pelo Movimento dos Focolares.

3. OS PILARES DA ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO

Com fins puramente didáticos, essa parte do estudo será dividida em cinco partes, sendo elas: 4.1. A experiência de Deus-Amor; 4.2. A arte de Amar como expressão de Deus-Amor; 4.3. Jesus Crucificado e Abandonado: Mistério de Comunhão; 4.4. A experiência da Palavra gera unidade em Cristo e com o irmão e 4.5. Jesus-Eucaristia.

3.1 A EXPERIÊNCIA DE DEUS-AMOR

O Apóstolo Paulo apresenta o Deus-amor: “Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, pois o amor é de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é Amor.”⁵⁸ A unidade se manifesta particularmente no cerne do Movimento dos Focolares devido a descoberta de que Deus é Amor. Em todo ato de amor é Deus que se doa por inteiro. Essa passagem é experimentada e refletida pela Igreja desde os acontecimentos que marcaram o Novo Testamento. No entanto, ela repercutiu no coração da *Obra de Maria* – nome oficial do Movimento dos Focolares dentro da Igreja –, depois que o Papa Paulo VI comentou o *Credo* e fez-se ressoar com uma nova vibração essa verdade tão antiga. Falando de Deus, o papa afirmou: “Ele é Aquele que é, [...] e Ele é Amor”⁵⁹. É interessante notar, seja na afirmação de São João como na de Paulo VI, que a palavra *amor* exprime a essência de Deus e o mandamento do amor sintetiza o desejo de Cristo. E o desejo de Cristo para a *Obra de Maria* é que fosse, no mundo e para o mundo, o Amor.

É de salientar que “não só, mas essa definição mais explícita de quem é Deus e a consequente fé que o povo cristão nela deposita, podem ser a *pedra de toque* para o início de uma renovação geral na vida da Igreja”⁶⁰. Por isso, a experiência religiosa dos cristãos deve ser mais intensa a partir do instante que compreendem a verdade que Deus é Amor. Para o cristianismo, o Amor é tudo, simplesmente pelo fato de ser Deus o próprio Amor. Neste

⁵⁷ II Pedro 1, 7.

⁵⁸ I João 4, 4-8.

⁵⁹ PAPA PAULO VI. *Solene Concelebração na Conclusão do Ano da Fé no Centenário do Martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo*, n. 9. Basílica de São Pedro, Cidade do Vaticano, 30 de junho de 1968.

⁶⁰ LUBICH, C. *Ideal e Luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido*. op., cit, p. 95.



contexto, Chiara Lubich, citando Chateaubriand, afirma: “Amar é bom; mas saber amar é tudo”⁶¹.

É nessa realidade que um indivíduo, após o contato com o Deus-Amor, passa a perceber que a “vida monótona de cada dia ganha colorido, a vida trágica se suaviza, uma existência dramática se mitiga na paz, e adquirimos aptidão para mudar os nossos programas limitados, para nos amoldarmos a outros previstos no Céu”⁶².

Por trás de cada fato, cada circunstância, cada encontro, cada dever, existe a vontade de Deus que, de forma incondicional, ama e, por isso, tudo conduz para o bem. Com essa revelação do que Ele é, a alma não sabe resistir senão declarando a Ele o próprio amor. Daí se tem início o fim último de todo cristão: ser santo. Nesse sentido, descobrir e redescobrir que Deus é Amor é a maior aventura do homem moderno.

3.2 A ARTE DE AMAR COMO EXPRESSÃO DO DEUS-AMOR

Na perspectiva de Chiara Lubich e do Movimento dos Focolares, saber amar é tudo, porque o amor cristão é uma arte. Essa arte emerge da união com o Evangelho de Jesus Cristo. Colocá-la em prática é o primeiro e imprescindível passo a ser dado para que se desencadeie uma revolução pacífica. Uma revolução tão radical e incisiva que mudará uma realidade em sua totalidade. A arte de amar não atinge somente o campo espiritual, mas o humano, renovando cada expressão antropológica, seja cultural, filosófica, política, econômica, educativa, científica e de outra natureza. O segredo da revolução é esse amor que possibilitou aos primeiros cristãos invadirem o mundo que, na época, era conhecido.

O amor é uma arte que exige empenho, arte com fortes exigências. É uma proposta de vivência que pretende ir além do horizonte restrito do simples amor natural, muitas vezes dirigido quase unicamente à família e aos amigos. Nesta dinâmica, o amor deve atingir todos: o simpático e o antipático, o bonito e o feio, o conterrâneo e o estrangeiro, o indivíduo religioso ou não, o indivíduo culto ou não, o amigo ou o adversário e até o inimigo. É preciso amar a todos como Deus, que é Pai, manda o sol e a chuva sobre bons e maus, pois, como observou o Cristo, o ser humano, diante da vaidade e da falta de amor, deve considerar os “lírios, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles”⁶³.

É um amor que é motivado a amar por primeiro, sem esperar ser amado. Como fez Jesus, que doou sua vida pela humanidade sem esperar nada em troca. É um amor que considera o outro como a si mesmo e que vê a si mesmo no outro. Com essa questão, Mahatma Gandhi afirma: “Tu e eu somos uma só coisa, não te posso fazer mal, sem me ferir”⁶⁴.

Esse amor deve ser concreto, sem fingimento e de verdade. Exige que a pessoa viva os sofrimentos, as alegrias e as necessidades das demais pessoas. Para o amor só é possível

⁶¹ Idem. *A Arte de Amar*. São Paulo: Cidade Nova, 2006, p. 25.

⁶² LUBICH, C. op., cit, p. 96.

⁶³ Lucas 12, 27.

⁶⁴ Apud LUBICH, C. *A Arte de Amar*. op., cit, p.28.



entender e ajudar as outras pessoas se, antes disso, for possível mergulhar em sua realidade, em sua existência e em sua plenitude.

A arte de amar possui como meta principal que amemos a Jesus Cristo por meio da outra pessoa. De fato, embora esse amor seja dirigido a um homem e uma mulher especificadamente, Cristo considera como feito a si mesmo tudo o que a eles se fez de bom e de ruim: “Foi a mim que o fizestes”⁶⁵.

A meta da espiritualidade de comunhão é que esse amor seja vivido por muitas pessoas. Essa arte de amar chegue ao amor mútuo, seja na família, no trabalho, nos grupos da Igreja e no campo social. O amor recíproco é uma pérola do Evangelho, o “novo mandamento”⁶⁶ de Jesus, que constrói a unidade.

Baseado na experiência do amor, o Movimento dos Focolares propõe frases inspiradas nos Evangelhos, motivando os cristãos a viverem a arte de amar de forma dinâmica e a cada dia da semana, gerando frutos evangélicos na vida do indivíduo e da sociedade. As frases:

- 1- Amar a todos⁶⁷
- 2- Amar primeiro⁶⁸
- 3- Amar como a si mesmo⁶⁹
- 4- Fazer-se um⁷⁰
- 5- Amar Jesus no irmão⁷¹
- 6- Amor Recíproco⁷²
- 7- Amar o inimigo⁷³

Na perspectiva do Movimento dos Focolares, se o cristão tentar viver de amor, verá que, para alcançar frutos dentro da sociedade, é necessário que ele faça a sua parte, ou seja, que ame sem cobrar ou esperar algum tipo de reciprocidade e de recompensa. O amor nesta dinâmica da arte deixa a “alma como aço contra as intempéries do mundo, e a liquefaz no amor por todos os que te rodeiam, contanto que tenhas presente que, no amor, o que vale é amar”⁷⁴.

Sendo assim, o que vale não é o trabalho, a redação, a atividade, até mesmo o apostolado dentro da Igreja, mas o amor que deve dar ritmo à vida humana. Para Deus, cada ato por si mesmo é indiferente, não tem valor algum. “O que conta é o amor. É o amor que faz o mundo se mover, visto que mesmo se alguém tiver uma missão a cumprir, ela será tanto mais fecunda quanto mais for entranhada de amor”⁷⁵.

⁶⁵ Cf. Mateus 25, 40.

⁶⁶ João 13, 34.

⁶⁷ Cf. Mateus 5,44-45.

⁶⁸ Cf. I João 4,10.

⁶⁹ Cf. Mateus 19,19.

⁷⁰ Cf. 1Corintios 9,22.

⁷¹ Cf. Mateus 25, 40.

⁷² Cf. João 15,12-13.

⁷³ Cf. Lucas 6, 27-28.

⁷⁴ LUBICH, C. *Ideal e Luz*: pensamento, espiritualidade, mundo unido. op., cit, p. 124.

⁷⁵ Idem.



Portanto, o acerto passa não por aquilo que se faz por amor, mas no fato do que se faz ser o próprio Deus-amor. Dessa forma, a eficácia está garantida, a decepção não cabe nesta realidade do *ser amor*, do *se fazer amor*. Chegando ao ponto de colocar-se ao lado do irmão para que ele possa sentir não a nós, mas a Jesus Cristo. No Cristo, quando se faz por amor, nada é pequeno, todas as ações, mesmo a menor e invisível das ações, se torna algo digno. Eis, portanto, o segredo da arte de amar: Ser Amor, Ser Jesus.

3.3 JESUS CRUCIFICADO E ABANDONADO: MISTÉRIO DE COMUNHÃO

Num episódio dos primeiros meses de 1944 os membros do jovem Movimento dos Focolares compreenderam uma passagem bíblica que trata de Jesus Crucificado de um modo novo. Eles perceberam que a maior dor de Jesus, e, por isso, o seu maior ato de amor, foi quando, pregado na cruz, experimentou o abandono do Deus-Pai: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”⁷⁶. A jovem idade do pequeno grupo, o entusiasmo, mas sobretudo a graça de Deus, impeliu-as a escolher Jesus precisamente no seu abandono como meio para realizar o ideal do amor: o Jesus-homem, o Jesus-humanidade que grita o abandono de Deus-Pai, e Deus-Pai que ama o ser humano por meio de Jesus Crucificado, o Jesus Abandonado na cruz. Com isso, a espiritualidade da comunhão, a mística da unidade, experimentada pelo jovem Movimento dos Focolares, se fundiu com a mística do Jesus Abandonado.⁷⁷

Para o Movimento dos Focolares o vértice na unidade do gênero humano com Deus encontra-se em Jesus Abandonado. Mesmo em meio ao abandono, Jesus ensina como enfrentá-lo e vivê-lo, quando após o sentimento de ausência do Deus-Pai confiou o seu espírito em suas mãos: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”⁷⁸. Oferecendo assim, à humanidade, a possibilidade de se recompor em si mesma e com Deus e indicando-lhe o modo de assim fazer.

Sobre o Jesus Abandonado, São João da Cruz afirma: “[...] Nessa hora em que sofria o maior abandono possível, Jesus realizou a maior obra que superou os grandes milagres e prodígios operados em toda a sua vida: a reconciliação, pela graça, do gênero humano com Deus”⁷⁹.

Jesus Abandonado é a “chave da unidade e o remédio para toda e qualquer divisão. Era ele que recompunha a unidade entre nós sempre que esta vacilava”⁸⁰. Com isso, a figura de Jesus Abandonado tornou-se um dos alicerces da espiritualidade da comunhão na vida do Movimento dos Focolares.

Em meio ao carisma da unidade, pode-se entrever algo do mistério que se esconde por detrás do grito de abandono de Jesus na Cruz. Tal grito sugere uma profunda provação de Jesus por sentir-se abandonado pelo Deus-Pai. Logo, posteriormente, Jesus deposita uma confiança sem medidas no próprio Deus-Pai que, em tese, o tinha abandonado. Nesse grito, para todos os que

⁷⁶ Mateus 27, 46.

⁷⁷ LUBICH, C. *A unidade e Jesus Abandonado*. São Paulo: Cidade Nova, 1985.

⁷⁸ Lucas 23, 46.

⁷⁹ CRUZ, S. J. Subida ao monte Carmelo. In: *Obras Completas*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 207.

⁸⁰ FONDI, E.; ZANZUCCHI, M. *Um povo nascido do Evangelho: Chiara e os focolares*. op., cit, p. 29.



são chamados a realizar a unidade, o Testamento de Jesus revela-se a porta de entrada, a chave para compreender a realização da unidade.

Chiara Lubich deixou claro que Deus colocou diante do ser humano e da Igreja o segredo para se cumprir a unidade: Jesus Abandonado. Isso acontece porque a partir do momento em que realmente se compreende quem é Jesus Abandonado o ser humano procura amá-lo e segui-lo. E para se combater de forma real e eficaz, as guerras e os problemas contemporâneos, é necessário amar e seguir Jesus Abandonado.

Para Chiara Lubich, o segredo é simples: Jesus padecente, sentindo a ausência do Deus-Pai, grita a dor física e, por isso, é capaz de amar a humanidade com a mesma força e intensidade do Deus-Pai. Com isso, ele cumpre a vontade do Deus-Pai para poder estabelecer o “novo homem”⁸¹. Ele perdeu a sua vida, mas, com isso, conseguiu salvar o ser humano. Ele sente dor física para poder trazer ao gênero humano uma fonte de “água viva”⁸². Isso é fazer-se um, ser um. É ser capaz de dar a sua vida em favor do outro. Dessa forma, para o Movimento dos Focolares, a exemplo de Jesus Abandonado, podemos cumprir o que ele nos pede: que sejamos um, para sermos perfeitos no seu amor.

Jesus na cruz experimenta a sensação de abandono, de separação do Pai, justamente para realizar a unidade, para unir tudo e todos, homens e natureza a Deus, já que separados na origem, haveria de haver uma recomposição.

O Papa João Paulo II, na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, realiza uma reflexão sobre Jesus Abandonado. Ao lembrar essa passagem do abandono, o *aspecto mais paradoxal*, ou seja, a hora da cruz, o papa se pergunta: “Será possível imaginar um tormento maior, uma escuridão mais densa?” A seguir, ele dá uma explicação desse sofrimento afirmando: “Na realidade, aquele ‘por que’, cheio de angústia, dirigido ao Pai com as palavras iniciais do Salmo 22, apesar de conservar todo o realismo de um sofrimento inexprimível, é esclarecido pelo sentido geral da oração: o Salmista [...], entrelaça sofrimento e confiança”⁸³.

Em Jesus Abandonado, a plena unidade entre Deus-Pai e o ser humano torna-se algo real e concreto. Nasce ao redor do Jesus Abandonado uma *nova Comunidade de amor*, uma comunidade formada pela Santíssima Trindade e o ser humano.

Chiara Lubich apresenta Jesus Abandonado como carisma da unidade e mistério que realiza a comunhão. O mistério do cristão:

Jesus é o Salvador, o Redentor, e redime, quando derrama o divino sobre a humanidade através daquela ferida invisível do abandono, que é a pupila do olho de Deus sobre o mundo. Um Vazio infinito através do qual Deus nos olha. Uma janela de Deus aberta sobre o mundo e janela da humanidade através da qual ela vê a Deus.⁸⁴

⁸¹ Efésios 2, 15.

⁸² João 7, 38.

⁸³ PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*, op., cit, n. 25.

⁸⁴ Texto apresentado e comentado por: BLAUMEISER, H. Um mediador que é nada. In: *Revista Abba*, n. 1, 2000, p. 34-35.



O abandono de Jesus é como a *pupila dos olhos de Deus* e, ao mesmo tempo, é o canal aberto através do qual a vida da Santíssima Trindade se comunica à humanidade e a humanidade pode penetrar em Deus. De um lado, está Deus-Trindade e, do outro, a humanidade com a ferida de Cristo abandonado como ponto de encontro entre ambos. Quando Jesus Abandonado “sofreu, tirou de Si o Amor e o doou aos homens, fazendo-os filhos de Deus ... Jesus se fez nada; doou tudo e este tudo não foi perdido porque entrou na alma dos homens”⁸⁵.

São João conclui o quarto Evangelho relatando a morte de Jesus: “*paredoken to pneuma* – entregou o Espírito”⁸⁶. É da oferta total de Jesus na cruz que se desprende o dom do Espírito, aquele Espírito que arrastará os discípulos para a comunhão entre Pai e Filho e realizará a promessa de Jesus: “Naquele dia sabereis que eu estou no Pai e vós estais em mim e eu em vós”⁸⁷.

Para o Movimento dos Focolares, deve-se viver com Jesus Abandonado no amor. Em um amor que tem por modelo a sua doação até o abandono; amor que, segundo I Coríntios 13, não se esgota no dar o próprio corpo às chamas do fogo e no distribuir os próprios bens aos pobres, mas significa perder-se até o fim em Deus e nos outros, para formar um só corpo com eles⁸⁸. E mais do que se tornar um, ser uma só Pessoa em Cristo. Jesus Abandonado é a origem da Igreja como o Uno reunido no seio do Pai, como comunhão dos santos.

Nos Focolares, fazendo-se uma só coisa com Jesus Abandonado, a Igreja torna-se instrumento de salvação. Também é chamada a percorrer o caminho do dom de si, a esvaziar-se de toda riqueza, não somente exterior, mas também interior, para ser no seio da humanidade a *pupila do olho de Deus*: um vazio pleno de amor, de Espírito Santo, através do qual Deus pode derramar sua vida sobre a humanidade e através do qual a humanidade pode *ver* a Deus e penetrar *Nele*. Com isso, o segredo da comunhão na Igreja está em Jesus Abandonado, mistério que é desvelado na estrela a ser seguida. Ele é o Caminho e o mistério da Comunhão da Igreja.

3.4 A EXPERIÊNCIA DA PALAVRA GERA UNIDADE EM CRISTO E COM O IRMÃO

Com relação à Palavra de Deus, o Papa Paulo VI afirma: “A sua Palavra é uma das formas de presença entre nós [...]. Como Jesus se faz presente nas almas? Através do veículo, da comunicação da palavra – tão normal nas relações humanas, mas que aqui se torna sublime e misteriosa – passa o pensamento divino, passa o Verbo, o Filho de Deus feito homem”⁸⁹.

A alma humana, sedenta pelo divino, necessita de alimento. Esse alimento é a Palavra de Deus, que produz comportamentos, gestos e palavras nas vidas sedentas de Deus. “O Evangelho não é um livro de consolação, em que nos refugiamos unicamente nos momentos de dor para nele obter resposta, mas é código que contém as leis da vida, de qualquer

⁸⁵ BLAUMEISER, H. Um mediador que é nada. op., cit, p. 35.

⁸⁶ João 14, 20.

⁸⁷ João 19, 30.

⁸⁸ Cf. I Coríntios 12.

⁸⁹ LUBICH, C. *Ideal e Luz*: pensamento, espiritualidade, mundo unido. op., cit, p. 165.



circunstância da vida; leis que não devem apenas ser lidas, mas ‘consumidas’ com a alma, e que com isso nos fazem semelhantes a Cristo, a cada instante”⁹⁰.

Por causa disso, para os Focolares, tudo que se vive, sejam situações dolorosas, felizes, comuns, extraordinárias, todo momento que a vida oferece, perdem valor ou caem no vazio e mostram-se indiferentes, ao passo que só o Cristo, que os preenche e os vivifica com a sua palavra, revela-se importante. Em meio às oscilações da vida, o que vale é *como* viver esta vida, porque neste *como* está a caridade, a única que dá valor a tudo que fizermos. Contudo, ama a Deus quem observa a sua Palavra.⁹¹ Para o Paraíso leva-se apenas a caridade e somente a caridade.

Por isso, dentro da espiritualidade da comunhão, deve-se lembrar de que o cotidiano valerá somente o que o indivíduo tiver *assimilado* da Palavra de Deus. Sendo assim, Cristo terá vivido no “meio de nós”⁹² e, por isso, Ele conhece e valoriza as obras, fruto da caridade, que o ser humano é capaz de praticar. No final, são as obras de caridade que acompanharão o ser humano. No final haverá apenas a contemplação da Palavra de Deus, a Verdade que liberta⁹³, o ser humano será livre das circunstâncias, livre do corpo de morte⁹⁴, livre das provações do espírito, livre do mundo que, cercado-o, pretenderia macular a beleza e a plenitude do Reino de Deus.

O Reino de Deus só acontece quando buscamos com que a Palavra se torne vida em nossas vidas e na vida do outro. A vivência da Palavra é a garantia de Jesus em meio àqueles que se dispõem a encontrá-Lo. É a certeza do cumprimento de toda a vontade de Deus, que ressoa no desejo de Jesus, no seu testamento: o anseio para que todos sejam uma coisa só. De fato, a palavra gera comunhão, e comunhão é vida em nossas vidas e vida na vida do irmão. A vida que nasce em nós é Jesus, a manjedoura que o acolhe é o nosso coração, e a nossa vida passa ser a dele, pois ele está vivo e presente em nossos corações.

3.5 JESUS-EUCARISTIA

Na espiritualidade da comunhão deve-se compreender *Jesus-Eucaristia* como sendo o “mistério da fé”⁹⁵. Neste contexto, a “Eucaristia é mistério de fé e, ao mesmo tempo, *mistério de luz*. Sempre que a Igreja a celebra, os fiéis podem de certo modo reviver a experiência dos dois discípulos de Emaús: ‘Abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-No’ (Lc 24, 31)”⁹⁶.

Com isso, Jesus-Eucaristia não somente produz frutos bons e bonitos de santidade, de amor. Sua principal meta é aumentar a unidade entre Deus e os homens e no meio dos diversos segmentos que compõem a sociedade. Por analogia, afirma-se que assim como a Santíssima Trindade é comunidade e vive uma perpétua unidade, da mesma forma o ser humano é chamado a viver em comunidade e em unidade.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Cf. João 14, 23.

⁹² Colossenses 2, 14.

⁹³ Cf. João 8, 32, 36.

⁹⁴ Cf. Romanos 7, 24.

⁹⁵ I Timóteo 3, 9.

⁹⁶ PAPA JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Sobre a Eucaristia na sua Relação com a Igreja, n. 6. São Paulo: Paulinas, 2003.



No entanto, para o Movimento dos Focolares a Eucaristia só tem operacionalidade na Igreja. Dentro desse contexto, pergunta: o que é a Igreja? Para os Focolares trata-se da unidade provocada pelo amor recíproco dos cristãos e pela Eucaristia. “A Igreja é formada por homens divinizados, feitos Deus, unidos ao Cristo que é Deus e unido entre si”⁹⁷. Pode-se expressar também com termos humanos com um exemplo usado para a Eucaristia – a Igreja é o corpo e, por sua vez, “Cristo é a cabeça da Igreja”⁹⁸.

Por isso, a Eucaristia opera nos membros da Igreja que buscam chegar ao seio do Deus-Pai. Não há caminho mais seguro e certo do que o de Jesus-Eucaristia. Se não está em parte no seio, mas com certeza encontra-se a caminho.

Para os Focolares o culto divino e o amor recíproco vivido na Eucaristia, compõem e recompõem a unidade entre os membros da comunidade dos que *amam a fraternidade*⁹⁹, não podendo jamais fazer outra coisa que não seja amar e, por isso, buscar a unidade dos diversos grupos, pessoas e situações socioculturais que, por questões diversas, estão vivendo algum modelo de conflito e de desamor. Nesse contexto, uma comunidade que não se *realiza* em Cristo, na plena comunhão, e segundo o Evangelho, é inadequada colocar-se diante de Deus em um ato litúrgico religioso.

Infelizmente, na maioria das situações, somos herdeiros de uma religiosidade individual, onde não se dá muita atenção ao amor recíproco na comunidade. Embora fique na alma aquele senso do mistério que envolve os grandes atos da liturgia, há também uma ignorância no conhecimento e uma sensação de vazio em alguns atos. Com isso, reduzindo a formas, muitas vezes, sem conteúdo.

Para a espiritualidade da comunhão deve-se ver a riqueza da experiência litúrgica quando o “povo de Deus”¹⁰⁰ encontra forças na Palavra de Deus para “caminharem em todas as suas jornadas”¹⁰¹ unidos. Nessa perspectiva, a face da Igreja resplandecerá em todo o seu esplendor e atrairá o mundo, como Jesus atraiu em um dia, multidões.

Na mística dos Focolares, Jesus-Eucaristia é o alimento, a força da sua permanência no mundo. A garantia da presença do movimento no meio do povo. É a vida da Igreja, enquanto membro que precisa de nutrientes para poder existir. A existência da Igreja passa obrigatoriamente por meio da maior caridade de Deus, deixar-nos o que ele tinha de melhor, ou seja, Jesus-Eucaristia. No Movimento dos Focolares, alimentar-se de Jesus-Eucaristia é a principal refeição do dia, é ele que garante a unidade presente nos focolares e na vida das pessoas no mundo.

4. A ESPIRITUALIDADE FOCOLARINA RESPONDE AO INDIVIDUALISMO

⁹⁷ LUBICH, C. *Ideal e Luz*: pensamento, espiritualidade, mundo unido. op., cit, p.175

⁹⁸ Efésios 5, 23.

⁹⁹ Cf. I Pedro 2, 17.

¹⁰⁰ I Pedro 2, 10.

¹⁰¹ Êxodo 40, 36.



Como gesto concreto da espiritualidade focolarina apresentam-se duas formas de manifestação, dentro da sociedade, desse carisma. São elas: 5.1. O carisma da unidade e a economia; 5.2. O Carisma da unidade e a arte.

4.1. O CARISMA DA UNIDADE E A ECONOMIA

Na espiritualidade da comunhão e, por conseguinte, da unidade do Movimento dos Focolares, em 1991, em uma das passagens de Chiara Lubich pelo Brasil, ela teve uma intuição para se atuar no campo da economia. Logo a ideia se alastrou pela América Latina e em países da Europa.

O projeto recebeu o nome de *Economia de Comunhão*¹⁰², sendo uma autêntica expressão da espiritualidade da comunhão dentro da vida econômica. Pode ser compreendido na sua íntegra e na sua complexidade somente quando inserido no contexto da divisão que essa espiritualidade tem do homem e das relações sociais. Neste contexto, a intenção de Chiara Lubich era que “empresas [privadas] canalizassem capacidades e recursos de todos para juntos produzirem riquezas em prol dos mais necessitados”¹⁰³.

Alicerçada pelo Evangelho, Chiara Lubich está propondo um novo modelo de produção econômica. Algo que não seja nem o estatismo socialista e nem a racionalidade marcada pelo lucro e pela competição do capitalismo. Ela propõe um modelo de produção de bens e serviços centrados na partilha, na necessidade do outro e na construção da unidade de todos os indivíduos e segmentos sociais. Em última instância, ela propõe a edificação do *homo donator*, ou seja, de um novo modelo de sociedade e de civilização, uma civilização centrada na doação, na partilha e na caridade. Trata-se de uma versão contemporânea da proposta do Papa Paulo VI da civilização do amor.¹⁰⁴

Dentro da proposta da Economia de Comunhão, os lucros devem ser destinados a um caixa comum, onde uma parte será destinada aos mesmos objetivos dos primeiros cristãos, ou seja, ajudar aos pobres e dar-lhes sustento, enquanto não conseguissem um trabalho. Outra parte irá para o desenvolvimento de estruturas de formação de *homens novos* (como São Paulo chamava os convertidos), ou seja, pessoas formadas e animadas pelo amor, capazes de viver aquilo que, dentro dos Focolares, chama-se de *cultura da partilha*. E uma terceira parte irá para incrementar a vida interna da empresa.

Chiara Lubich apresenta quatro pontos fundamentais que devem existir na Economia de Comunhão, para que a espiritualidade da comunhão aconteça.

¹⁰² Com relação à história, aos métodos, a inserção social, a dimensão ética e solidária do movimento de *Economia de Comunhão*, recomenda-se consultar: LUBICH, C. *Economia de Comunhão: história e profecia*. São Paulo: Cidade Nova, 2004. BENITES, M. *Pessoas que fazem Economia de Comunhão*. São Paulo: Cidade Nova, 2009. BRUNI, L. (Org.). *Economia de Comunhão: uma cultura econômica em várias dimensões*. São Paulo: Cidade Nova, 2002. QUARTANA, P. [et al]. *Economia de Comunhão: propostas e reflexões para uma cultura da partilha, a “Cultura do dar”*. São Paulo: Cidade Nova, 1992. LEITE, K. C. *Economia de Comunhão: a construção da reciprocidade nas relações entre capital, trabalho e Estado*. São Paulo: Annablume, 2007. LOVISON, A. M. *Economia de Comunhão: empresas para um capitalismo transformado*. In: *Organizações & Sociedade*, v. 14, n. 43, 2007.

¹⁰³ LUBICH, C. *Ideal e Luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido*. op., cit, p. 348.

¹⁰⁴ VILLENA, D. J. S. *Cultura da Partilha, a cultura do homo donator*. In: *Revista Foco*, v. 1, n. 1, 2006.



Primeiro, a finalidade da Economia de Comunhão está escondida no seu próprio nome, uma economia que deverá promover a comunhão dos homens e com as coisas. Trabalhar para a unidade e a fraternidade dos homens, algo que é solicitado por Jesus Cristo. Em linhas práticas, acontece com tudo isso, um combate à pobreza daqueles que mais necessitam, sejam eles dentro ou fora da Igreja.

Segundo, é chegar a uma *cultura da partilha*, isto é, uma “cultura de amor evangélico tão profundo e empenhado que é a palavra-chave de toda a lei e dos profetas”¹⁰⁵. Com isso, indo de encontro à economia consumista, baseada numa cultura do ter, a Economia de Comunhão é uma economia da partilha e da unidade.

O terceiro aspecto é de formar *homens novos*. Sobretudo os leigos, que estão a viver hoje, um momento privilegiado na Igreja, sendo protagonistas. Os leigos devem ser santificados, por Deus, nos locais onde estão inseridos na sociedade.

O quarto ponto é a formação. Como esclarece Chiara Lubich: “É urgente fazer nascer escolas para empresários, economistas, professores e estudantes de economia, para cada componente da empresa”¹⁰⁶. O homem novo, o *homo donator* não surgirá dentro das atuais estruturas de ensino e formação humana. Estruturas que oscilam, por meio de diversos métodos e técnicas, entre o egoísmo, entre a valorização do Estado, do capital ou de qualquer outro nível social. Por isso, é necessário criar cursos, escolas, universidades e centros culturais que valorizem a dignidade da pessoa humana, que tenham como centro a partilha, a comunhão e a unidade.

O elemento essencial não pode ser esquecido, que é a Providência Divina, que acompanhou constantemente o progresso da Economia de Comunhão. Nas empresas aderentes a este projeto, deixa-se espaço à intervenção de Deus, inclusive na atividade concreta econômica. Ele não deixa faltar aquele *cêntuplo* que Jesus Cristo prometeu: uma receita inesperada, uma oportunidade imprevista, a oferta de uma nova colaboração, a ideia de um produto novo de sucesso e assim sucessivamente.

O resultado é que se a Economia de Comunhão é parte da Igreja, também deve-se afirmar que se trata de um trabalho da Igreja, ao menos no seu espírito e nos seus aspectos essenciais. A Economia de Comunhão surgiu para, dentro da *pós-modernidade*¹⁰⁷, viver a experiência das primeiras comunidades cristãs. Comunidade onde “não havia, pois, entre eles necessitados”¹⁰⁸ e, por isso, não havia “divisão no corpo”¹⁰⁹ místico, ou seja, a Igreja.

A cultura da partilha é a cultura do Evangelho, porque foi no Evangelho que se compreende o que é *doar*. Nele está escrito: “Daí e vos será dado; será derramado em vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante”¹¹⁰. É a experiência do *doar* e do *doar-se* que os membros da Economia de Comunhão experimentam em suas diversas atividades econômicas e empresariais.

¹⁰⁵ FONDI, E.; ZANZUCCHI, M. *Um povo nascido do Evangelho*: Chiara e os focolares. op., cit, p. 511.

¹⁰⁶ Ibidem. p. 512.

¹⁰⁷ MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

¹⁰⁸ Atos 4, 34.

¹⁰⁹ I Coríntios 12, 25.

¹¹⁰ Lucas 6, 38.



Para que a Economia de Comunhão possa agir, são necessários, portanto, uma meta, ou seja, a *cultura da partilha* e a busca por experimentar, mesmo que de forma parcial, o novo homem anunciado por Jesus Cristo. E o novo homem são os indivíduos que, dentre outras, vivem as virtudes do Evangelho. Com isso, “vivendo o amor recíproco, eles assumem, na prática, a espiritualidade da comunhão, que gera a presença de Jesus Cristo em meio a nós [...]”¹¹¹.

4.2. O CARISMA DA UNIDADE E A ARTE

O conteúdo da filosofia é o conceito, o da arte é o belo. Dentro da discussão sobre o belo pode-se afirmar que se trata da harmonia, e a harmonia quer dizer *altíssima unidade*. Ora, quem saberá compor em harmonia as cores e os elementos de uma pintura senão a alma do artista, que é uma, à imagem da unidade de Deus que a criou?

Para Chiara Lubich é a alma humana, reflexo do Céu, que o artista infunde nas obras; e “nessa criação, fruto do seu gênio, o artista encontra uma segunda imortalidade: a primeira em si, como qualquer outro homem que nasceu aqui na terra; a segunda, em suas obras, pelas quais se doa à humanidade no decorrer dos séculos”¹¹².

A arte, tanto quanto a ciência, tem as suas manifestações de maior ou menor beleza porque a criatividade, que dela é mãe e geradora, é um talento e um dom magnífico do homem. Também ela desabrochou em obras; em *obras de arte*, inclusive de modo espontâneo. Em tese, o ponto de concentração do artista está em sua alma, onde contempla uma sensação, uma ideia, que ele quer exprimir fora de si por meio da obra de arte.

Numa visão eclesial da arte, não há dúvida de que a Beleza absoluta é Deus, Deus que é eterno. O artista participa, de certo modo, da eternidade de Deus. Participa por meio de suas obras, que hão de sobreviver a ele, artista, à sua vida terrena, pois encerram em si um *toque* de eterno, sinal evidente de estarem em relação com a Beleza suprema e eterna, com Deus, ou com a alma humana por Ele criada imortal.

A unidade que Deus faz acontecer na Arte é uma presença constante na vida do Movimento dos Focolares, como expressão da Beleza Absoluta: Deus. Quanto mais perfeita for a arte, quanto mais perfeita for a manifestação de Deus, quanto mais será nas almas abstraídas numa conversão interior.

Na verdadeira arte “existe como que uma espécie de encarnação de Deus no mundo, cujo sinal é a beleza. O belo é a prova experimental de que a encarnação é possível”¹¹³. Se é assim, a arte só pode elevar, só pode conduzir para as alturas, para aquele Céu de onde desceu.

A *unidade* é a palavra de vida permanente do Movimento dos Focolares. Neste contexto, unidade quer dizer *altíssima harmonia*. A vocação dos Focolares é caracterizada por essa harmonia até nos detalhes mais simples do cotidiano. Um efeito positivo do carisma. A harmonia exige que, sem vaidades e sem modismos desnecessários, o belo e o bom gosto fossem o modo de se vestir dos membros do movimento; que fosse bela, harmoniosa, acolhedora à decoração das casas, dos centros de cultura e de evangelização do movimento.

¹¹¹ LUBICH, C. *Ideal e Luz*: pensamento, espiritualidade, mundo unido. op., cit, p. 358.

¹¹² Ibidem. p. 372.

¹¹³ LUBICH, C. *Ideal e Luz*: pensamento, espiritualidade, mundo unido. op., cit, p. 376.



Mas, qual deve ser o modelo dos artistas? “Jesus crucificado e abandonado é o modelo dos artistas, mormente dos nossos artistas, que, como Ele, sempre saberão oferecer um raio de esperança, inclusive nas situações mais tristes”¹¹⁴. Isso acontece porque “todos os grandes artistas esbarram no problema do sofrimento e do desespero, às vezes pela vida inteira. Apesar disso, muitos deixaram transparecer por meio de sua arte algo da esperança que é maior do que o sofrimento e a decadência”¹¹⁵. Deve-se ter em mente que os artistas modernos devem viver sinceramente tudo o que diz respeito ao humano e até mesmo aspectos trágicos do homem, mas que saibam descobrir até mesmo na tragédia, com precisão e beleza, a esperança que nos é dada sempre pelo Belo, que é Deus.

Chiara Lubich afirma que “para fazer uma obra de arte nova, nem sempre é necessário que ela seja fruto de uma coletividade com a presença de Cristo no meio dos artistas. É necessário que se ponha Cristo entre os indivíduos uma vez, e assim se tornem uma só alma, para que depois, distinguindo-se, o todo esteja em cada um”¹¹⁶.

Por tudo isso, o Movimento dos Focolares é um dos movimentos eclesiais que mais investem e promovem a arte. Os centros culturais e de evangelização do movimento promovem encontros, congressos e toda forma de inventivo e de produção de uma saudável arte que promova a espiritualidade da comunhão.

CONCLUSÃO

Buscou-se neste estudo uma fundamentação bíblico-teológica desta espiritualidade da comunhão que ascende no século XX e chega até o XXI. A espiritualidade da comunhão só pode ser vivida na presença do outro, que gera a necessidade da unidade, que se dá em diversas circunstâncias da vida, sejam elas felizes ou de sofrimento, religiosa ou não, social e cultural. O importante é fazer-se um e, com isso, cumprir o desejo de Jesus Cristo: “todos sejam um”¹¹⁷.

A Trindade é o fundamento dessa comunhão. A comunhão só existe se houver relação de amor que crie uma corrente de ligação entre os indivíduos. A comunhão é na verdade, a exemplo trinitário, relação de amor entre o indivíduo e a pessoa que está diante de si. O amor ultrapassa as diferenças, os valores socioculturais e religiosos. O amor é tudo, e vence todas as barreiras impostas pelo nosso egoísmo.

A espiritualidade da comunhão e, por conseguinte, da unidade é uma alternativa para o individualismo contemporâneo. Apesar de essa espiritualidade ter se desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial, baseada nos escritos de Chiara Lubich, ela apresenta-se como uma possibilidade de reencontro e de promoção da unidade entre o ser humano e Deus e entre os diversos segmentos sociais que estão em conflito na sociedade contemporânea. Por fim, afirma-se que atualmente vê-se um grande número de conflitos que vão desde o terrorismo, passando por conflitos étnicos e religiosos, até chegar a guerras e disputas econômicas. Dentro desse preocupante contexto, a espiritualidade da comunhão, do Movimento dos

¹¹⁴ Ibidem. p. 381.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Ibidem. p. 383.

¹¹⁷ João 17, 21.



Focolares, é uma resposta concreta que é possível à construção da unidade e que o ser humano possui diferenças apenas superficiais, pois, no mais profundo do ser, ele forma a comunhão, a unidade chamada de humanidade.

BIBLIOGRAFIA

- BENITES, M. *Pessoas que fazem Economia de Comunhão*. São Paulo: Cidade Nova, 2009.
- BÍBLIA. Versão Jerusalém. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BLAUMEISER, H. Um mediador que é nada. In: *Revista Abba*, n. 1, 2000, p. 34-35.
- BRIGHENTI, A. *A Igreja do futuro e o futuro da Igreja: perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio*. São Paulo: Paulus, 2001.
- BRUNI, L. (Org.). *Economia de Comunhão: uma cultura econômica em várias dimensões*. São Paulo: Cidade Nova, 2002.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. São Paulo: Makron Books, 1996.
- CRUZ, S. J. Subida ao monte Carmelo. In: *Obras Completas*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- GALLAGHER, J. *Chiara Lubich: uma mulher e sua obra*. São Paulo: Cidade Nova, 1998.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Edufrgs, 2009.
- HINKELAMMERT, F. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- LEITE, K. C. *Economia de Comunhão: a construção da reciprocidade nas relações entre capital, trabalho e Estado*. São Paulo: Annablume, 2007.
- LIBÂNIO, J. B. *Igreja contemporânea. Encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000.
- LOVISON, A. M. Economia de Comunhão: empresas para um capitalismo transformado. In: *Organizações & Sociedade*, v. 14, n. 43, 2007.
- LUBICH, C. *A unidade e Jesus Abandonado*. São Paulo: Cidade Nova, 1985.
- _____. Deus-beleza e o Movimento dos Focolares. In: *Revista ABBA*, v. 2, 1999, p. 07-20.
- _____. *Economia de Comunhão: história e profecia*. São Paulo: Cidade Nova, 2004.
- _____. O Movimento dos Focolares em seus aspectos político e social. In: *Revista ABBA*, v. III, n. 1, 2000.
- MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- PAPA FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. Cidade do Vaticano, 11 de abril de 2015.
- PAPA JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Sobre a Eucaristia na sua Relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. Por ocasião do Término do Grande Jubileu do Ano 2000. Cidade do Vaticano, 06 de janeiro de 2001.
- PAPA JOÃO XVIII. *Humanae Salutis*. Convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II. Cidade do Vaticano, 25 de Dezembro de 1961.
- PAPA PAULO VI. *Declaração Nostra Aetate*. Sobre a Igreja e as Religiões Não-Cristãs. In: KLOPPENBURG, F. B. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. *Solene Concelebração na Conclusão do Ano da Fé no Centenário do Martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo*. Basílica de São Pedro, Cidade do Vaticano, 30 de junho de 1968.



PIZZANI, L. [et al]. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. In: *RDBC*, Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 10, n. 1, jul./dez., 2012, p. 53-66.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

QUARTANA, P. [et al]. *Economia de Comunhão: propostas e reflexões para uma cultura da partilha, a “Cultura do dar”*. São Paulo: Cidade Nova, 1992.

TORNO, A. *Levar a Ti o mundo em meus braços: vida de Chiara Lubich*. São Paulo: Cidade Nova, 2011.

VANDELEENE, M. (Org.). *Chiara Lubich. Ideal e Luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido*. São Paulo: Brasiliense, Cidade Nova, 2003.

VERONESI, S. *E a vida renasce entre as bombas*. São Paulo: Cidade Nova, 1978.

VILLENA, D. J. S. Cultura da Partilha, a cultura do *homo donator*. In: *Revista Foco*, v. 1, n. 1, 2006.

ZAMBONINI, F. *Chiara Lubich: a aventura da unidade*. São Paulo: Cidade Nova, 1991.

ZANZUCCHI, M. *Um povo nascido do Evangelho: Chiara e os focolares*. São Paulo: Paulus, 2004.

Recebido em: 20/10/2017

Aprovado em: 30/06/2018